REVISTA SAÚDE DOS VALES

ISSN: 2674-8584 V.11 – N.1 – 2024

ABORDAGEM E CUIDADOS DE ENFERMAGEM NA PREVENÇÃO E TRATAMENTO DAS INFECÇÕES DO TRATO URINÁRIO

NURSING APPROACH AND CARE IN THE PREVENTION AND TREATMENT OF URINARY TRACT INFECTIONS

Maysa Oliveira Da Silva
Enfermagem, Centro Universitário Unibras Rio Verde.

Ana Carolina Donda Oliveira
Enfermagem, Centro Universitário Unibras Rio Verde.

RESUMO

As infecções do trato urinário (ITU) são as infecções bacterianas mais comuns, especialmente em ambientes hospitalares e instituições de longa permanência. Mulheres e idosos são particularmente suscetíveis, devido a fatores anatômicos e fisiológicos. A Escherichia coli é o principal agente causador das ITUs, sendo o uso de cateteres urinários um dos principais fatores de risco. O presente estudo tem como objetivo analisar os fatores predisponentes, os métodos de diagnóstico e as estratégias de prevenção e tratamento das ITUs, com ênfase no papel dos profissionais de enfermagem. A pesquisa foi conduzida por meio de uma revisão de literatura, reunindo publicações relevantes sobre o tema, incluindo artigos científicos e revisões sistemáticas dos últimos 10 anos. A análise destacou a importância da correta higienização da região perineal, da monitorização do uso de cateteres urinários e da administração adequada de antibióticos para evitar complicações. Enfatizou-se o papel fundamental da enfermagem na prevenção, diagnóstico precoce e educação dos pacientes sobre práticas preventivas. Concluiu-se que, para reduzir a incidência de ITUs, é essencial o uso de protocolos clínicos rigorosos, a capacitação contínua da equipe de saúde e a adesão ao tratamento prescrito. O estudo reforça a importância das práticas de prevenção e controle de infecções no ambiente hospitalar, promovendo, assim, um cuidado mais seguro e eficaz aos pacientes.

Palavras - Chave: Cateteres urinários; Enfermagem; Infecções do trato urinário; Prevenção e controle.

ABSTRACT

REVISTA SAÚDE DOS VALES

Urinary tract infections (UTIs) are the most common bacterial infections, particularly in hospital settings and long-term care facilities. Women and the elderly are especially susceptible due to anatomical and physiological factors. Escherichia coli is the primary causative agent of UTIs, with the use of urinary catheters being a major risk factor. This study aims to analyze the predisposing factors, diagnostic methods, and strategies for the prevention and treatment of UTIs, with an emphasis on the role of nursing professionals. The research was conducted through a literature review, gathering relevant publications on the subject, including scientific articles and systematic reviews from the past 10 years. The analysis highlighted the importance of proper perineal hygiene, monitoring the use of urinary catheters, and the appropriate administration of antibiotics to prevent complications. Additionally, the essential role of nursing in prevention, early diagnosis, and patient education on preventive practices was emphasized. It was concluded that to reduce the incidence of UTIs, it is importante to implement strict clinical protocols, provide continuous training for healthcare staff, and ensure adherence to prescribed treatments. The study reinforces the importance of infection prevention and control practices in hospital settings, thereby promoting safer and more effective patient care.

Key words: Urinary catheters; Nursing; Urinary tract infections; Prevention and control.

1. INTRODUÇÃO

As infecções urinárias são as infecções bacterianas mais comuns, ocorrendo tanto em ambientes hospitalares, quanto na comunidade ou em instituições de longa permanência para idosos. A incidência de infecções urinárias não complicadas cresce com o avanço da idade, com aproximadamente 50 a 60% das mulheres enfrentando uma infecção urinária ao longo de suas vidas (PASSADOURO et al., 2019).

O sistema urinário, composto por uretra, bexiga, ureteres e rins, é uma estrutura complexa. Quando bactérias invadem esses órgãos, podem desencadear infecções do trato urinário (ITU), que acometem pessoas de ambos os sexos e em todas as idades. Essas infecções são provocadas por diversos agentes microbianos, sendo a Escherichia coli o principal microrganismo responsável, seguida por Klebsiella pneumoniae, Proteus mirabilis, Enterococcus faecalis e Staphylococcus saprophyticus. As mulheres são mais suscetíveis às ITUs em comparação aos homens, fato explicado por diversos fatores, tanto anatômicos quanto

comportamentais. Nos homens, a hiperplasia prostática contribui para o aumento da incidência dessas infecções (LAUDELINO et al., 2019).

A infecção do trato urinário ocorre quando a microbiota normal da região periuretral é invadida por bactérias que causam doenças no sistema urinário, as quais sobem pelo trato urinário. Essa infecção se estabelece devido a fatores relacionados tanto à virulência das bactérias quanto à vulnerabilidade do hospedeiro, facilitando a aderência e a colonização dos micro-organismos (HADDAD & FERNANDES, 2019).

As infecções do trato urinário podem ser classificadas como sintomáticas ou assintomáticas. Entre os sintomas mais frequentes estão dor ao urinar (disúria), aumento da frequência urinária (polaciúria), presença de sangue na urina (hematúria), sensação de esvaziamento incompleto da bexiga (tenesmo vesical), retenção urinária e incontinência. Em casos mais graves, é importante destacar que os sinais clínicos podem incluir febre alta, delírios e queda de pressão arterial (ANDRADE, 2020).

A infecção do trato urinário pode ser dividida em três categorias principais: Incontinência Urinária de Esforço (IUE), que ocorre quando há perda de urina durante atividades que aumentam a pressão dentro do abdômen, como tossir, espirrar ou realizar exercícios; Incontinência de Urgência ou Incontinência Urinária de Urgência (IUU), caracterizada pela perda involuntária de urina acompanhada por uma intensa necessidade de urinar imediatamente; e Incontinência Urinária Mista (IUM), onde a pessoa experimenta tanto a perda de urina associada à urgência quanto àquelas relacionadas ao esforço físico (ANDRADE et al., 2017).

Dada a alta prevalência dessa infecção, torna-se essencial realizar um diagnóstico antecipado e aplicar um tratamento apropriado, visando a eliminação do agente causador. Essa abordagem é importante para evitar complicações decorrentes da formação de danos ao parênquima renal, que, ao longo do tempo, podem resultar em cicatrizes com potencial para desencadear hipertensão e insuficiência renal crônica (MARKS et al., 2020).

1.1 OBJETIVOS

Este estudo utilizou uma abordagem de revisão de literatura para investigar os modos de infecção no ambiente hospitalar, com foco nas infecções do trato urinário (ITU). A revisão foi composta por publicações relevantes de especialistas da área, priorizando artigos científicos, dissertações, e revisões sistemáticas dos últimos 10 anos. O objetivo foi reunir evidências sobre os fatores de risco, métodos de diagnóstico, tratamentos e o papel da equipe de enfermagem na prevenção e controle das ITUs.

Foram selecionados textos publicados em bases de dados reconhecidas, como Scielo, PubMed e Google Scholar, com a utilização de descritores como "infecção do trato urinário", "prevenção de ITU", "cateterismo urinário", "cuidado de enfermagem" e "tratamento de ITU". Após a coleta de artigos, foi realizada uma análise crítica das publicações, com ênfase na identificação de argumentos que sustentassem a relevância das práticas de prevenção e tratamento das ITUs no contexto hospitalar.

O estudo buscou analisar o perfil dos profissionais de enfermagem envolvidos no cuidado a pacientes com ITU, considerando suas práticas na prevenção e monitoramento de infecções, especialmente em relação ao uso de cateteres urinários e a educação dos pacientes. A revisão também incluiu um levantamento dos principais protocolos e diretrizes seguidas pelas instituições de saúde no manejo dessas infecções, oferecendo uma visão consolidada sobre o impacto das práticas de enfermagem na redução das ITUs e suas complicações.

Com base nas análises, a investigação reafirma a importância de estratégias preventivas eficazes, como o controle rigoroso da higiene perineal, a administração correta de antibióticos, a vigilância na utilização de cateteres e a educação continuada da equipe de saúde, que se mostraram fundamentais para minimizar o risco de infecções e promover um ambiente hospitalar mais seguro.

2. REVISÃO DA LITERATURA

As infecções do trato urinário (ITU) podem ter diversas origens e fatores predisponentes. De acordo com Vettore et al. (2019), o sistema urinário normalmente é estéril e apresenta uma resistência natural à colonização por

patógenos, apesar do contato constante da uretra distal com bactérias presentes na área genital externa. O principal mecanismo de defesa do sistema urinário é a micção, que ajuda a expulsar bactérias que possam estar próximas à região genital e prevenir sua entrada na uretra, o que pode resultar em infecções.

Em apoio a essa ideia, Borges et al. (2014) destacam que a maioria das ITUs são causadas por bactérias que ascendem pela uretra até a bexiga, ou do ureter até os rins, os fatores de risco incluem a falta de higiene adequada das roupas íntimas e da região genital, assim como a ausência de preservativos durante as relações sexuais.

Segundo Nascimento et al. (2015), a higiene inadequada é um fator de risco significativo para ITUs, com essas infecções estando associadas tanto à falta quanto ao excesso de limpeza. Esses autores ressaltam que a higiene íntima deficiente nos homens pode levar a um acúmulo de bactérias ao redor da glande, as quais podem atingir o canal uretral masculino e, dependendo da quantidade de bactérias, contaminar todo o sistema urinário.

No entanto, o excesso de higiene, especialmente entre as mulheres, pode alterar o pH da região genital, permitindo que bactérias invasoras se propaguem pelo trato urinário, levando a infecções. Segundo Barros et al., (2017), outro fator de risco para infecções urinárias está relacionado ao comprimento da uretra, que, nas mulheres, é mais curto em comparação aos homens. Essa característica facilita a colonização por patógenos devido à proximidade do canal uretral com o ambiente externo, tornando mais fácil a entrada de microrganismos na bexiga. O uso de cateteres vesicais pode introduzir diretamente patógenos no trato urinário, especialmente se o procedimento de sondagem não for realizado corretamente.

De acordo com Izaias et al., (2014), o uso de cateteres aumenta significativamente o risco de infecções no trato urinário dos pacientes. Isso ocorre porque a introdução de um componente não biológico na uretra pode estar contaminado ou ser contaminado durante a inserção do cateter. A repetida introdução de cateteres urinários ou seu uso prolongado cria condições favoráveis para a colonização de microrganismos, especialmente bactérias, que podem causar infecções urinárias nos pacientes.

Castro Filho et al., (2018) identificaram que as práticas sexuais sem proteção são um fator de risco para infecções do trato urinário (ITU). Indivíduos que não utilizam preservativos, além de estarem mais vulneráveis a contrair infecções sexualmente transmissíveis (IST), têm uma maior probabilidade de desenvolver ITU devido à exposição a bactérias ou fungos presentes nas mucosas contaminadas dos parceiros sexuais.

Corroborando essa informação, Paula et al., (2016) relataram que mais da metade das pessoas que praticaram sexo desprotegido tiveram infecções urinárias. A prática sexual mais associada ao surgimento dessas infecções foi o sexo anal sem preservativo, embora também tenha sido observada uma taxa significativa de ITU em indivíduos que praticaram sexo vaginal e oral sem proteção.

Um estudo realizado por Apolinário et al. (2016) destacou outro fator de risco para as infecções do trato urinário: a resistência aos antibióticos. Esse problema surge principalmente devido ao fácil acesso a esses medicamentos e ao seu uso excessivo, o que pode levar o organismo de um paciente a desenvolver resistência bacteriana após o uso inadequado de antibióticos. Como resultado, as bactérias resistentes tornam-se mais capazes de superar as defesas naturais do corpo, provocando uma série de problemas de saúde, incluindo infecções urinárias.

No que diz respeito aos sintomas mais comuns de infecções urinárias, Apolinário et al. (2016) mencionaram dor na região pélvica, especialmente em mulheres, urgência frequente para urinar, pequenas quantidades de urina durante a micção, sensação de queimação ao urinar, dor nos flancos e incontinência urinária. A dor ao urinar pode ser resultado de desidratação devido à micção contínua ou da presença de outra bactéria que não esteja localizada na bexiga ou na uretra.

Além desses, outros sintomas menos comuns podem incluir urina escura, presença de sangue na urina, dor na região retal, entre outros. Em alguns casos, os sinais ou sintomas podem não estar claramente relacionados à localização da infecção urinária, o que pode gerar confusão no paciente. Esse cenário pode ocorrer devido à sobreposição com outras condições fisiológicas, como gravidez ou menstruação em mulheres (NASCIMENTO et al., 2015).

Indivíduos com infecção do trato urinário (ITU) podem manifestar sintomas típicos de infecções em geral, incluindo febre, sensação de mal-estar, calafrios, náuseas, vômitos, e, em casos menos comuns, leve rigidez na parte inferior do abdômen e dor à percussão na região lombar. A ausência de sinais e sintomas caracteriza a forma assintomática da ITU, que é mais frequente em pacientes com diabetes, idosos e gestantes. No entanto, a falta de sintomas pode levar a complicações clínicas nesses grupos de pacientes (CASTRO FILHO et al., 2018).

Apoiando esses achados, Magalhães et al., (2014) ressaltaram que as complicações da infecção urinária podem variar em sinais e sintomas de acordo com o tipo, embora seja comum a presença de cólicas renais, febre alta, hematúria e dor que se irradia para os membros inferiores e região abdominal. Portanto, é fundamental que os profissionais de saúde estejam cientes de todos os sinais e sintomas de ITU, inclusive os menos frequentes, para tratar a infecção antes que ela cause maiores danos à saúde e bem-estar do paciente.

O diagnóstico de uma infecção do trato urinário é geralmente realizado por urologistas, ginecologistas e clínicos gerais. O exame de urina, que inclui a análise de urina tipo 1 e a urocultura, é o principal método diagnóstico para infecções urinárias. O exame de urina tipo 1 identifica sinais de infecção, como a presença de leucócitos e traços de sangue, sendo realizado com a primeira urina do dia, que pode ser coletada na residência do paciente (RAMOS et al., 2016).

No exame de urina tipo 1, a coleta de urina aleatória, em qualquer momento do dia, pode ser solicitada em situações de urgência, sendo útil para identificar anomalias evidentes. Entretanto, os resultados podem ser influenciados pela ingestão de alimentos e pela prática de exercícios físicos. As mulheres devem evitar a realização do exame durante o período menstrual, pois a presença de sangue pode interferir nos resultados, dificultando a análise microscópica da urina (HACHUL; SILVA, 2014).

Por outro lado, na urocultura, uma amostra de urina do paciente é utilizada para cultivo em placas de Petri, com o objetivo de formar colônias da bactéria que infecta o trato urinário. Esse método é eficaz na identificação da espécie bacteriana, permitindo a escolha do tratamento mais adequado. No entanto, os resultados são

demorados, o que pode favorecer a proliferação bacteriana no trato urinário e o surgimento de complicações. Por isso, recomenda-se a associação desse exame com outro mais rápido, como o exame de urina tipo 1, para iniciar o tratamento o quanto antes (SANTOS et al., 2019).

Reforçando essas informações, Schenkel et al. (2014) destacaram que a utilização da urocultura é importante para combater a resistência bacteriana, muitas vezes causada pelo uso inadequado de antibióticos. Esse exame permite a elaboração de um plano terapêutico preciso para combater o patógeno, evitando assim um dos fatores de risco para infecções do trato urinário (ITU). Tanto nos exames de urina tipo 1 quanto na urocultura, é essencial que os pacientes recebam orientação dos profissionais de saúde sobre a higiene da região genital, que deve ser realizada apenas com água e sabão, para não comprometer os resultados dos exames.

Magalhães et al. (2014) mencionaram a cistoscopia como um método diagnóstico que permite a análise do interior da bexiga e da uretra, com o objetivo de identificar a causa da infecção e possíveis alterações na bexiga, que podem ser responsáveis por infecções urinárias recorrentes. A cistoscopia também é útil no diagnóstico de outras patologias do sistema urinário, como câncer de bexiga, inflamações ou cálculos, porém, devido ao seu alto custo, é menos solicitada em comparação com outros exames para o diagnóstico de ITU.

Segundo Barros et al., (2017), o tratamento de infecções do trato urinário é predominantemente medicamentoso, com o uso de antibióticos específicos para o patógeno identificado. Contudo, em algumas situações, podem ser necessárias intervenções cirúrgicas para drenar abscessos, corrigir anomalias estruturais subjacentes ou aliviar obstruções na uretra ou nos ureteres. O manejo das infecções urinárias é bastante variável, dependendo do tipo e da gravidade da infecção, e pode incluir, além dos antibióticos, o uso de analgésicos para aliviar os sintomas de dor ao urinar.

Tratamentos caseiros não são eficazes para eliminar a infecção urinária, embora possam ser utilizados para atenuar os sintomas. No entanto, é importante que o paciente consulte um médico antes de adotar qualquer tratamento alternativo,

pois alguns métodos caseiros podem ser prejudiciais à saúde. Entre os tratamentos caseiros mais comumente sugeridos estão o uso de chás, como os de manjericão, carqueja e aroeira, que possuem leves propriedades antibacterianas, além de sucos de cranberry e melancia. Contudo, é importante que o paciente não tenha condições de saúde que possam ser agravadas pelo consumo excessivo dessas bebidas, como diabetes ou hipertensão arterial (CARVALHO et al., 2018).

Em relação aos tratamentos farmacológicos, a seleção dos antibióticos pelos médicos deve considerar não apenas a espécie bacteriana, mas também se o paciente tem alergia a algum tipo de antibiótico, a adesão ao tratamento, a disponibilidade e o custo dos medicamentos, bem como a tolerância do paciente e do profissional ao risco de falha terapêutica. Alguns dos medicamentos utilizados no tratamento de infecções urinárias incluem amicacina, amoxicilina, cefalexina, ciprofloxacino, doxiciclina e norfloxacino, sendo cada um prescrito conforme a necessidade terapêutica específica dos pacientes (NASCIMENTO et al., 2015).

A amicacina é recomendada para o tratamento a curto prazo de infecções graves causadas por bactérias gram-negativas sensíveis, que são frequentemente as principais responsáveis pelas infecções urinárias. No entanto, pode provocar efeitos teratogênicos quando usada por gestantes, e as lactantes devem interromper a amamentação até que o tratamento esteja concluído, uma vez que componentes desse medicamento podem passar para o leite materno e ser transmitidos aos bebês (HACHUL; SILVA, 2014).

A amoxicilina é um agente antimicrobiano pertencente à classe das penicilinas, com ampla eficácia contra diferentes tipos de bactérias. Ela pode ser combinada com o ácido clavulânico, que tem a capacidade de neutralizar a enzima betalactamase, uma substância gerada por certas espécies bacterianas que confere resistência ao tratamento com penicilinas. A dosagem desses medicamentos deve ser rigorosamente seguida conforme a prescrição médica para prevenir efeitos tóxicos ao fígado (BARROS et al., 2017).

Outra opção medicamentosa para o tratamento de infecções urinárias é o norfloxacino, um agente bactericida de amplo espectro indicado para combater diversas infecções bacterianas. Contudo, é contraindicado para crianças e

adolescentes menores de 14 anos. Embora não sejam detectados traços do medicamento no leite materno, seu uso é restrito durante a gravidez e a amamentação, salvo sob orientação médica (SCHENKEL et al., 2014).

A cefalexina é frequentemente empregada no tratamento de infecções urinárias, contudo, é recomendável que se realizem testes de sensibilidade à cefalexina e culturas adequadas do microrganismo causador antes de iniciar a terapia com este medicamento, a fim de evitar a possível resistência bacteriana. Por outro lado, o cloridrato de ciprofloxacino atua bloqueando certas enzimas bacterianas essenciais para a replicação das bactérias. Este antibiótico não deve ser ingerido com produtos lácteos ou bebidas enriquecidas com minerais, pois isso pode interferir em sua absorção (IZAIAS et al., 2014).

A doxiciclina é recomendada para o tratamento de infecções urinárias causadas por microrganismos gram-negativos e gram-positivos, desde que os testes bacteriológicos demonstrem suscetibilidade adequada ao fármaco. Este medicamento é amplamente utilizado por pessoas alérgicas à penicilina, já que possui uma ação similar e menor probabilidade de provocar reações alérgicas (CASTRO FILHO, et al., 2018).

É fundamental que, no tratamento de infecções do trato urinário (ITU), os pacientes evitem a automedicação. O uso inadequado ou excessivo de antibióticos pode levar ao desenvolvimento de resistência bacteriana, uma vez que as bactérias podem sofrer mutações que as tornam resistentes aos mecanismos de ação dos medicamentos. Isso dificulta a busca por um tratamento medicamentoso eficaz. Portanto, em caso de suspeita de infecção urinária, é recomendável procurar atendimento médico e realizar o exame de urocultura para identificar o agente etiológico responsável pela infecção e determinar o tratamento mais adequado para combatê-lo (DIAS et al., 2015).

Um problema recorrente no tratamento das infecções urinárias é que, mesmo quando os pacientes utilizam os medicamentos prescritos pelo médico, eles podem não seguir corretamente as dosagens recomendadas ou interromper o tratamento assim que os sintomas desaparecem, o que pode levar à recorrência da infecção (PAULA et al., 2016).

O descumprimento do tratamento pode favorecer o avanço da infecção ou o agravamento da mesma, resultando em falhas no processo terapêutico, elevação dos custos com o cuidado e sendo um elemento de risco para o desenvolvimento de resistência bacteriana (PAULA et al., 2016)

CUIDADOS DE ENFERMAGEM

Os profissionais de enfermagem estão na linha de frente da prevenção de ITUs, especialmente em pacientes hospitalizados e em instituições de cuidados prolongados. Medidas preventivas incluem a higiene adequada da área perineal, o uso criterioso de cateteres urinários e a manutenção de uma hidratação adequada. A educação do paciente e da equipe de saúde sobre práticas preventivas é um componente importante dessas estratégias (AZEVEDO et al., 2021).

O uso de cateteres urinários é uma prática comum em ambientes hospitalares, porém, está associado a um risco elevado de ITU, especialmente quando utilizado por períodos prolongados. A enfermagem desempenha um papel vital na monitorização do uso de cateteres, garantindo que sejam indicados somente quando necessário e removidos o mais breve possível. A manutenção da técnica asséptica durante a inserção e manipulação do cateter é fundamental para prevenir infecções (JUNIOR; DOS SANTOS; JUNIOR, 2022).

A detecção precoce de ITUs é essencial para evitar complicações como pielonefrite e sepse. A enfermagem participa ativamente na monitorização de sinais e sintomas como disúria, urgência urinária, febre e alterações na cor ou odor da urina. A coleta correta de amostras de urina para exame é importante para um diagnóstico preciso, destacando a importância da técnica adequada na obtenção dessas amostras (DE JESUS; COELHO; LUZ, 2018).

O tratamento das ITUs geralmente envolve o uso de antibióticos, com a escolha do medicamento baseada na sensibilidade bacteriana e nas características do paciente. Os enfermeiros têm a responsabilidade de administrar a terapia medicamentosa conforme prescrito, monitorar reações adversas e garantir a adesão ao tratamento; também orientam os pacientes sobre a importância de completar o

curso de antibióticos para evitar recidivas e resistência bacteriana (AMORIM; SANTOS, 2021)

Além do tratamento farmacológico, abordagens não-farmacológicas como a ingestão aumentada de líquidos, a utilização de fitoterápicos e a promoção da micção frequente são práticas recomendadas. A enfermagem deve educar e encorajar os pacientes a adotar essas práticas, que podem auxiliar na resolução dos sintomas e na prevenção de recorrências (DA SILVA et al., 2020).

A educação em saúde é uma parte integral dos cuidados de enfermagem em ITUs. Pacientes devem ser instruídos sobre hábitos de higiene, a importância da ingestão adequada de líquidos, e a necessidade de buscar atendimento médico ao primeiro sinal de infecção. A orientação também deve abranger práticas que reduzem o risco de ITUs, como urinar após a relação sexual e evitar o uso prolongado de produtos de higiene íntima (BATISTA et al., 2023).

Certos grupos populacionais, como idosos, gestantes e pacientes com diabetes, têm um risco aumentado de ITUs e podem necessitar de cuidados específicos. Os enfermeiros devem adaptar suas abordagens de cuidado para atender às necessidades únicas desses pacientes, monitorando rigorosamente os sinais de infecção e ajustando as intervenções conforme necessário (RIBEIRO, 2017).

A prevenção de ITUs em ambientes hospitalares requer a implementação de protocolos rigorosos e uma vigilância contínua. A enfermagem tem um papel central na adesão a esses protocolos, incluindo a higienização das mãos, a assepsia na manipulação de dispositivos urinários e a educação contínua da equipe de saúde (DORESTE et al., 2019).

As ITUs relacionadas a cateteres (CAUTIs) representam um desafio significativo na prática clínica. A alta incidência de CAUTIs exige uma abordagem proativa da equipe de enfermagem, que inclui a avaliação contínua da necessidade do cateter, a técnica asséptica rigorosa e a educação constante sobre a prevenção dessas infecções (BATISTA et al., 2023).

O avanço das tecnologias de saúde, como cateteres revestidos com antimicrobianos e sistemas de monitoramento eletrônico, tem contribuído para a

redução das ITUs. A enfermagem deve estar atualizada sobre essas inovações e ser capaz de implementá-las de forma eficaz no ambiente clínico, garantindo a segurança e a saúde dos pacientes (MELO et al., 2017).

As ITUs podem ter um impacto significativo na qualidade de vida dos pacientes, especialmente em casos recorrentes ou complicados. A enfermagem deve adotar uma abordagem holística no cuidado, considerando os aspectos físicos, emocionais e sociais das ITUs, e oferecer apoio contínuo para melhorar o bem-estar geral dos pacientes (AZEVEDO et al., 2021).

A prevenção e o tratamento das ITUs exigem uma abordagem integrada e centrada no paciente, na qual a enfermagem desempenha um papel vital. As práticas baseadas em evidências, a educação contínua e a vigilância rigorosa são essenciais para reduzir a incidência de ITUs e melhorar os resultados de saúde. O desenvolvimento de programas educacionais e a implementação de protocolos clínicos rigorosos são fundamentais para a melhoria contínua da qualidade do cuidado em enfermagem (JUNIOR; DOS SANTOS; JUNIOR, 2022).

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

As infecções do trato urinário (ITU) representam um desafio significativo nos ambientes hospitalares e em instituições de longa permanência, especialmente entre populações vulneráveis, como idosos e pacientes com comorbidades. Através desta revisão de literatura, foi possível identificar que a Escherichia coli permanece como o principal agente etiológico das ITUs, enquanto fatores como o uso prolongado de cateteres urinários, a higiene inadequada e o uso excessivo de antibióticos aumentam consideravelmente o risco de infecção.

O papel da enfermagem é fundamental na prevenção e controle das ITUs, destacando-se as práticas de higiene rigorosa, o manejo adequado de dispositivos urinários, e a educação do paciente quanto às medidas preventivas; a detecção precoce e a adesão ao tratamento são essenciais para evitar complicações graves, como pielonefrite e insuficiência renal.

Os estudos analisados ressaltam a importância de uma abordagem integrada, envolvendo profissionais de saúde bem capacitados, protocolos rígidos de

prevenção e o uso responsável de antimicrobianos, conclui-se que o reforço nas práticas de prevenção e a implementação de protocolos clínicos eficazes são medidas essenciais para reduzir a incidência de ITUs e melhorar a qualidade do cuidado oferecido aos pacientes.

REFERENCIAS

ANDRADE, A. M.; SILVA, L. R.; PEREIRA, D. A.; SOUZA, J. M. Atuação do enfermeiro na atenção domiciliar: uma revisão integrativa da literatura. **Revista Brasileira de Enfermagem**, v. 70, p. 210-219, 2017.

ANDRADE, L. C. V. Protocolo Assistencial do Pronto-Socorro: Infecção no Trato Urinário. HCOR – Associação Beneficente Síria, 2020.

AMORIM, Alan Kelmy Mesquita; SANTOS, Jonas Alves de Sousa. Prevenção e tratamento da infecção do trato urinário: intervenções de enfermagem. **Brazilian Journal of Health Review**, v. 4, n. 6, p. 25285-25298, 2021.

APOLINÁRIO, T. A.; MELO, C. D.; SILVA, F. R.; ALVES, M. R.; ANDRADE, M. P. Prevalência de infecção urinária e resistência a antimicrobianos em um grupo de gestantes. **Revista Científica da FAMINAS**, v. 10, n. 2, 2014.

AZEVEDO, F. H. C.; DE SOUSA SANTOS, J. A.; AMORIM, A. K. M. Prevenção e tratamento da infecção do trato urinário: Intervenções de enfermagem. **Brazilian Journal of Health Review**, v. 4, n. 6, p. 25285-25298, 2021.

BARROS, S. K.; RODRIGUES, M. P.; MORAES, J. B.; SANTOS, P. A.; SOUZA, T. R. Infecção do trato urinário relacionada ao cateter: perfil de sensibilidade antimicrobiana. **Revista da Rede de Enfermagem do Nordeste**, v. 14, n. 5, 2013.

BATISTA, E. S.; MARTINS, A. P.; SOUZA, J. B.; SOUZA, R. G.; FREITAS, C. F. A atuação da enfermagem frente ao paciente em uso de sondagem vesical de demora

na prevenção de infecções do trato urinário. **Revista Multidisciplinar Pey Këyo Científico**, v. 9, n. 2, 2023.

BORGES, A. A.; MOURA, P. F.; TEIXEIRA, L. R.; OLIVEIRA, S. M.; NASCIMENTO, L. C. Infecção Urinária em Gestantes Atendidas em um Laboratório Clínico de Goiânia-Go Entre 2012 e 2013. **Revista de Ciências Ambientais e Saúde**, v. 41, n. 3, 2014.

CARVALHO, F. L. O.; OLIVEIRA, C. P.; CASTRO, M. P.; ALMEIDA, S. F. Infecção urinária de repetição e os aspectos gerais, microbiológicos e imunológicos associados à saúde da mulher. **Revista de Saúde ReAGES**, v. 1, n. 3, p. 24-30, 2018.

CASTRO FILHO, C. A. S.; SILVA, J. F.; MENDES, G. M.; MOREIRA, R. C. Estudo do perfil de resistência antimicrobiana das infecções urinárias em mulheres atendidas em hospital terciário. **Revista Brasileira de Clínica Médica**, v. 11, n. 2, 2013.

DA SILVA, M. R.; DA CRUZ ALMEIDA, T. H. R.; DOS SANTOS, T. R.; SOUZA, E. S.; SANTANA, R. M. Infecção do trato urinário associada ao cateterismo vesical de demora na população idosa: classificações de enfermagem. **Revista Eletrônica Acervo Enfermagem**, v. 3, p. e3540, 2020.

DE JESUS, J. S.; COELHO, M. F.; LUZ, R. A. Cuidados de enfermagem para prevenção de infecção do trato urinário em pacientes com cateterismo vesical de demora (CVD) no ambiente hospitalar. **Arquivos Médicos dos Hospitais e da Faculdade de Ciências Médicas da Santa Casa de São Paulo**, p. 96-99, 2018.

DIAS, I. O. V.; CARVALHO, A. F.; OLIVEIRA, R. R.; SOUSA, V. S. Infecção do trato urinário em pacientes ambulatoriais: prevalência e perfil de sensibilidade aos antimicrobianos em estudo realizado de 2009 a 2012. **Revista de Saúde de Santa**

Maria, v. 41, n. 1, 2015.

DORESTE, F. C. P. L.; MELO, S. F.; CORRÊA, L. N.; GONÇALVES, G. B. Segurança do Paciente e Medidas de Prevenção de Infecção do Trato Urinário Relacionados ao Cateterismo Vesical de Demora. **Revista Enfermagem Atual In Derme**, v. 89, n. 27, 2019.

HACHUL, M.; SILVA, D. B. Infecção do trato urinário. **Revista Brasileira de Medicina**, v. 70, n. 12, 2013.

HADDAD, J. M.; FERNANDES, D. A. O. Infecção do trato urinário. **Femina**, v. 47, n. 4, p. 241-244, 2019.

IZAIAS, E. M.; BATISTA, A. G.; SILVA, A. L. F.; LIMA, R. L.; SOUZA, R. A. Custo e caracterização de infecção hospitalar em idosos. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 19, n. 3, p. 3395-3402, 2014.

JUNIOR, P. S. S.; DOS SANTOS, C. F. H.; JUNIOR, A. C. B. Intervenções de enfermagem na prevenção de infecção do trato urinário em áreas críticas de cuidados intensivos: Revisão integrativa. **Research, Society and Development**, v. 11, n. 3, 2022.

LAUDELINO, J. S.; SILVA, M. P.; RODRIGUES, D. M.; FREITAS, L. A.; SANTOS, R. F. Infecção urinária por Mycobacterium abscessus: relato de caso. **Brazilian Journal of Nephrology**, v. 42, p. 124-126, 2019.

MAGALHÃES, S. R.; OLIVEIRA, A. C.; SOUZA, T. M.; CARVALHO, P. G. Evidências para a prevenção de infecção no cateterismo vesical: revisão integrativa. **Journal of Nursing UFPE/Revista de Enfermagem UFPE**, v. 8, n. 4, 2014.

MARKS, F. O.; DIAS, S. G.; BATISTA, F. C.; CARVALHO, A. M. Infecção do trato urinário: etiologia, perfil de sensibilidade e resistência aos antimicrobianos em hospital pediátrico. **Research, Society and Development**, v. 9, n. 8, 2020.

MELO, L. S. D.; COSTA, J. S.; SOUZA, F. G.; OLIVEIRA, R. M. Infecção do trato urinário: uma coorte de idosos com incontinência urinária. **Revista Brasileira de Enfermagem**, v. 70, p. 838-844, 2017.

NASCIMENTO, W. L.; RAMOS, A. G.; COSTA, M. P.; RODRIGUES, F. S. Infecção do trato urinário em gestantes usuárias do Sistema Único de Saúde. **Ensaios e Ciência: C. Biológicas, Agrárias e da Saúde**, v. 16, n. 4, 2015.

PASSADOURO, R.; SANTOS, P. D.; FERREIRA, L. C.; MARTINS, M. A.; SOARES, L. M. Perfil de suscetibilidade aos antibióticos na infeção urinária dos residentes em estruturas residenciais para idosos. **Revista Portuguesa de Medicina Geral e Familiar**, v. 35, n. 4, p. 262-270, 2019.

PAULA, M. L. A.; COSTA, S. B.; MOREIRA, J. F.; CUNHA, T. M. Infecção do trato urinário em mulheres com vida sexual ativa. **Jornal Brasileiro Médico**, v. 103, n. 2, p. 1423-1431, 2016.

RAMOS, G. C.; SILVA, J. R.; PEREIRA, T. C.; OLIVEIRA, M. S.; FERREIRA, A. P. Prevalência de infecção do trato urinário em gestantes em uma cidade no sul do Brasil. **Revista Saúde**, v. 42, n. 1, p. 173-178, 2016.

RIBEIRO, Ellen Chris Ribeiro Pereira Lacerda; ALMEIDA, T. P.; CAVALCANTE, A. S.; FONSECA, L. M. O cuidado de enfermagem na prevenção da infecção do trato urinário relacionado ao cateterismo vesical. **Revista Brasileira de Ciências da Vida**, v. 5, n. 4, p. 20, 2017.

SANTOS, C. C.; MENEZES, A. P.; MOURA, P. S.; SOUZA, T. L. Prevalência de infecções urinárias e do trato genital em gestantes atendidas em Unidades Básicas de Saúde. **Revista de Ciências Médicas**, v. 27, n. 3, p. 101-113, 2019.

SCHENKEL, D. F.; NASCIMENTO, G. M.; RAMOS, C. A.; FIGUEIREDO, A. B. Etiologia microbiana e suscetibilidade de infecções do trato urinário comunitário durante a gravidez no sul do Brasil. **Revista Brasileira de Ginecologia e Obstetrícia**, v. 36, n. 3, p. 102-106, 2014.

VETTORE, M. V.; FERREIRA, P. S.; RAMOS, E. M.; MENDONÇA, A. M. Avaliação do manejo da infecção urinária no pré-natal em gestantes do Sistema Único de Saúde no município do Rio de Janeiro. **Revista Brasileira de Epidemiologia**, v. 16, n. 3, p. 338-351, 2019.